

O tempo na modernidade e a estabilização dinâmica das estruturas sociais

Eduardo Rosa Guedes¹

Laura Strelow Storch²

Resenha do livro:

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

Originalmente publicado em 2005, mas somente traduzido em 2019 para o português, o livro *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade* inaugura o projeto teórico-investigativo do sociólogo e cientista político Hartmut Rosa sobre a sociedade na modernidade tardia. A tese central de Rosa é de que a sociedade moderna está ancorada em um processo dinâmico de aceleração. O tempo é elemento essencial para a caracterização da modernidade tardia e, nesse contexto, a sociedade consegue se estabilizar apenas dinamicamente; a “aceleração social” é compreendida como um processo de dinamização que sustenta e reproduz as estruturas sociais. Para Rosa, na modernidade tardia a sociedade ganha estabilidade *no e pelo* movimento.

A obra deu base para seus projetos posteriores: *Alienation and acceleration: towards a critical theory of Late-Modern temporality* (2010) e *Resonanz: Eine Soziologie der Weltbeziehung* (2016). Esse último aprofunda o conceito de “ressonância”, que já aparece esboçado de forma embrionária em *Aceleração*, referindo

¹ Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – Pelotas – Brasil – edu.rguedes@gmail.com

² Departamento de Ciências da Comunicação – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria – Brasil – lsstorch@gmail.com

um modo relacional entre o sujeito e o mundo, e pode ser compreendido como uma modificação e ampliação do conceito de “reconhecimento” de Axel Honneth (2009). É a Honneth, aliás, que Rosa atribui sua vinculação com a teoria crítica e a compreensão de que a temporalidade deveria ser tomada como uma dimensão central de análise, “[...] porque ela é um elemento essencial para a conexão das características estruturais da sociedade aos nossos mapas morais” (Rosa, 2017: 368).

Para Rosa (2019), o tempo pode ser percebido como elemento de articulação analítica para a compreensão da sociedade moderna desde os clássicos da sociologia que, como disciplina, teve sua origem justamente na percepção de que a sociedade começou a “mover-se”: na obra de Marx, por exemplo, o autor percebe a elaboração de uma “economia de tempo”, ou de uma mercantilização do tempo; em Weber, o tempo é considerado como bem escasso de alta importância, referência para a caracterização do *éthos* da ética protestante; em Durkheim, a divisão social do trabalho pode ser percebida como elemento teórico em que o tempo se apresenta como questão de fundo, visto que os processos de diferenciação e as mudanças sociais não são em si os problemas da sociedade, mas sim a sua velocidade demasiadamente alta. Por fim, também Simmel é referência para Rosa: de forma mais intensa que os demais, Simmel considerou a sensação de aumento e aceleração dos processos de trocas sociais e a incessante dinamização das relações sociais como parte da experiência cultural da modernidade – a intensificação da vida nervosa, a cidade rápida e o individualismo dinâmico são exemplos dessa caracterização.

Ainda assim, Hartmut Rosa defende que a teoria sociológica tem um déficit teórico em suas discussões sobre o tempo e na percepção deste como uma categoria analítica central para a compreensão da modernidade. Para o autor, seria necessária uma concepção clara do tempo para se pensar a aceleração como um fenômeno social a partir da própria sociologia, sem a necessidade de buscar referências na filosofia, na qual o tempo é conceituado de forma heterogênea: “[...] abordagens filosóficas sobre o tempo tendem [...] a apresentar o tempo como enigma impenetrável, enquanto as análises empíricas abordam o tempo, de forma também insatisfatória, em geral simplesmente como autoevidente” (ibid.: 6-7).

A crítica de Rosa é de que a preocupação com o sentido do tempo, por algum motivo, perdeu forças no pensamento social. A modernidade passou a ser discutida enquanto racionalização, individualização, diferenciação ou domesticação da natureza – debates nos quais a questão do tempo foi sendo evitada. Ao contrário disso, o que Rosa propõe é que a consideração de uma perspectiva temporal poderia se apresentar como um caminho promissor para a análise sistemática da adequação entre estrutura e ação: “[...] horizontes e estruturas temporais são constitutivos para orientações de ação e para relações consigo mesmo” (ibid.: 10). Em relação ao trabalho de Anthony Giddens, por exemplo, Hartmut

Rosa situa sua crítica na ausência das estruturas temporais como parte da categorização da modernidade. Ainda que Giddens afirme que as estruturas temporais são fundamentais em sua teoria da estruturação, e apesar de sua observação de um crescente distanciamento *espaçotemporal* cuja consequência seria uma crescente desvinculação entre tempo e espaço, o autor britânico não inclui essas estruturas temporais como características da modernidade. Assim, para Rosa, esta construção teórica de Giddens se mostra insuficiente para uma teoria da aceleração social no contexto da modernidade.

Outro exemplo relevante é o que envolve a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann. Para Rosa, a distinção que Luhmann sugere entre dimensões de sentido – objetiva (ou coisal), social e temporal³ – é eficiente para a compreensão da complexidade na sociedade moderna. Entretanto, neste contexto, a aceleração seria compreendida como um “princípio evolutivo” na dimensão temporal, um procedimento de redução da complexidade que, na visão de Rosa, fracassa: “[...] a transformação característica das estruturas temporais se dá exatamente nas dimensões coisal e social da sociedade moderna. [...] a evolução das dimensões coisal e social seguiria exatamente a lógica de transformações, especificamente temporal, da aceleração” (ibid.:124). Assim, para Rosa, a reinterpretação do processo de modernização a partir da noção de aceleração social é mais abrangente do que aquilo que a diferenciação proposta por Luhmann sugere. Rosa não busca uma análise da aceleração como aspecto isolável ou parcial da modernização, ao contrário, propõe a aceleração como categoria que permite olhar para a complexidade do processo de modernização e para as interações que ocorrem entre diferentes tendências de evolução.

O trabalho de Rosa ainda busca traçar uma distinção entre “modernidade clássica” e “modernidade tardia” – esta, materializada a partir da década de 1990, quando o ritmo das mudanças alcançou uma “velocidade intrageracional” e quando três ondas de aceleração se manifestaram mais claramente: revoluções políticas que levaram à queda do bloco comunista, reformas dos mercados financeiros em termos do que se chama neoliberalismo, e a revolução digital, em especial a partir do surgimento da internet (id., 2017). A partir deste momento se alteram nossas percepções sobre o futuro como algo que está além ou à frente. Ao contrário, temos a sensação de que as mudanças são erráticas e impulsivas, refletidas no conceito de dessincronização. Desta forma, para Hartmut Rosa (2019), o projeto da modernidade, construído sobre as ideias de liberdade, autonomia e direito, teria sido aniquilado pela aceleração social. A crença de que as tecnologias da informação ajudariam na execução do projeto moderno se

³ As dimensões de sentido são formas de redução da complexidade dos sistemas: a dimensão objetiva corresponde a uma dimensão temática de toda comunicação, enquanto a dimensão social corresponde a uma visão de mundo dos sistemas psíquicos. Por fim, a dimensão temporal diz respeito à diferença entre passado e futuro permitida por um evento presente.

esvaneceu. O que resta é uma nova característica da sociedade: uma tendência ao aumento de ritmo, do movimento e das incertezas.

No entanto, existe algo a mais na descrição de Hartmut Rosa sobre a sociedade tardo-moderna, e isso pode ser compreendido como um paradoxo ignorado por outras pesquisas sociológicas: ao mesmo tempo que a sociedade se transforma freneticamente por um lado, ela se enrijece por outro. Rosa se contrapõe a certa reivindicação teórica de que tudo na sociedade moderna está acelerando: ao mesmo tempo que sua construção teórica defende, de um ponto de vista sistêmico, que o processo de modernização está alicerçado numa dinamização do mundo, “[...] podem existir tradições culturais, populações tradicionais que não conseguem acelerar senão ao preço de sua própria destruição. [...] a natureza é muito lenta para o ritmo da sociedade. [...] a democracia é um processo que consome tempo” (id., 2017: 372). Para o autor, existe dessincronização entre nossos corpos, mentes e transações sociais, perceptíveis a partir de processos de enrijecimento social. Essa aparente *contradictio in adjecto* se estabelece como uma contraposição à modernização, demarcada a partir da tríade que compõe o processo de aceleração social: a aceleração técnica, a aceleração da mudança social e a aceleração do ritmo da vida.

O primeiro eixo que compõe a aceleração social, a *aceleração técnica*, talvez seja o mais simples de verificar. É definido por processos direcionados a um objetivo, como transportes, comunicação e produção de bens e serviços. Para Rosa (2019), esse tipo de aceleração modificou a forma do “estar no mundo” das pessoas. Pela ação da aceleração técnica, tempo e espaço são separados na percepção dos sujeitos, que passam a experimentar a “diminuição” do mundo – os meios de transporte (como o avião) nos permitem “vencer” qualquer distância; ao mesmo tempo, as conexões informacionais (como a internet) garantem que possamos fazer “tudo” sem sair do lugar. Em contraposição, a experiência coletiva desse processo de desterritorialização teria como efeito paradoxal o acirramento de diferenças locais e regionais, que ganham relevância na configuração das relações sociais globalizadas, com consequente valorização de identidades regionais e certa repolitização do espaço.

A *aceleração da mudança social*, segundo eixo do processo de aceleração social, se refere à velocidade das práticas e orientações da ação, por um lado, e das estruturas associativas e modelos de relações por outro. Na modernidade tardia, as taxas de expiração de experiências e expectativas orientadoras da ação se tornam cada vez menores. O presente é restrito e curto, e o tempo é atemporal (Castells, 1999), de modo que a decisão sobre o ritmo, a duração, a sequência e o momento dos acontecimentos se dá durante sua ocorrência, de forma imediata. Para Rosa (2019), isso se torna evidente quando observamos os padrões de comportamento social e das relações interpessoais, marcados por modelos de interação rapidamente alteráveis. Um exemplo interessante, destacado no livro,

está relacionado ao status da velhice na sociedade. Enquanto em sociedades tradicionais os velhos eram reconhecidos como “sábios” porque já tinham “visto tudo”, nas sociedades contemporâneas sua condição estigmatizada por não conseguirem acompanhar o desenvolvimento do tempo.

Já a *aceleração do ritmo da vida*, terceiro eixo do processo de aceleração social, aponta as mudanças na personalidade individual. Para Rosa (2019), existe hoje a sensação de que o tempo passa mais rápido ou de estarmos num declive escorregadio (*slipping slope*). As pessoas agem sob a impressão de mudança permanente e multidimensional, fazendo com que a inércia (ou a “não decisão”) seja algo impossível. Existe uma pulsão constante por adaptar e atualizar, para não se tornar anacrônico. A síndrome de *burnout* exemplifica bem isso: para o autor, esse processo de adoecimento, comumente relacionado ao excesso de atividades de trabalho, na verdade configuraria mais do que isso, seria o reflexo da ausência de horizontes de expectativa relacionados à função do trabalho na sociedade e na vida particular. É como se corrêssemos cada vez mais rápido, mas sempre nos mantendo nos mesmos lugares. Também no nível da personalidade individual existe um abandono da identidade estável em função de uma identidade “situacional” e mais fluída.

Em síntese, o paradoxo da aceleração social pode ser descrito pelo enrijecimento social, manifesto nas estruturas, na cultura, na relação com a natureza e na personalidade dos indivíduos. Como sociedade, experimentamos uma sensação de que quanto mais tempo ganhamos com a evolução tecnológica, menos tempo dispomos no cotidiano da vida. Se o tempo antes despendido para a execução manual de determinada tarefa agora é encurtado por aparatos tecnológicos, os recursos temporais liberados poderiam/deveriam estar dispostos na forma de tempo livre, associados a expectativas de menor velocidade de ação, pausas mais longas e menor sobreposição de ações. Mas o que experienciamos parece ser o exato oposto.

Em termos estruturais, o enrijecimento social se configura a partir da consolidação e da automatização de certa “compulsão à aceleração”. Em termos culturais, esse fenômeno favorece a cristalização cultural, marcada pelo que Rosa (2019) chama de “carência de desenvolvimento”, a perda coletiva da percepção da sociedade como um projeto político *a ser* realizado. Outra esfera, a de nossa relação com a natureza, é marcada pela crescente imobilidade física (visível nos dados epidemiológicos globais sobre obesidade, por exemplo) e pela normalização das catástrofes; a *dominação* dos humanos sobre a natureza parece ter se convertido em sua *destruição* ou mesmo na sucumbência às forças da natureza, em função de nosso desrespeito com os “tempos internos” naturais. Por fim, em termos mais subjetivos, o processo de aceleração social demarca um enrijecimento das personalidades, reconhecido por certo “tédio existencial” patológico, reconhecido no que Rosa chama de “tempo congelado da depressão”.

Desta forma, não dispomos de tempo embora o ganhemos em abundância. Isso quer dizer que os processos sociais ficaram tão rápidos, tão frenéticos que os nossos horizontes de possibilidades (projeções entre o passado e o futuro) mudaram as percepções temporais. Nosso horizonte de expectativa (futuro) se dissociou de nosso horizonte de experiência (presente), e esse processo é vivenciado pela teoria social que, segundo Rosa (2019), deveria elaborar explicações sobre como a aceleração do tempo se torna um problema social.

Neste sentido, uma primeira consideração do autor é sobre a fragilidade do papel social das instituições (como família, escola e prisão, entre outros) e seus tempos na configuração do cotidiano social. Rosa (2019) sugere que, mais do que a rotinização institucionalizada, é a noção de *sincronização* que nos ajuda a compreender os efeitos da aceleração social no contemporâneo. Ele usa como exemplo o trânsito de carros em uma cidade: ainda que os sujeitos possam realizar suas atividades sem sair do lugar (por conta da ubiquidade informacional), as experiências urbanas são marcadas pela sensação de “perda de tempo” nas horas em que permanecemos imóveis nos congestionamentos de trânsito. Isso porque os processos cotidianos passam a ser cada vez mais altamente sincronizados: os tempos de cada sujeito podem e devem ser cruzados a partir de bases de dados complexas, e as dinâmicas de agendamento e cronometragem da vida são fundamentais para o ganho de eficiência temporal exigido pelas lógicas da aceleração do ritmo da vida. O pesquisador sugere, então, que os indivíduos aplicam a si mesmos as pressões da aceleração social.

Ainda que a medida do tempo dependa do grau de rotinização e habituação (e que essas pareçam ter diminuído na modernidade tardia), o tempo cotidiano ainda possui um caráter altamente repetitivo e cíclico e, portanto, constitutivo da reprodução de estruturas sociais. Para Rosa (2019), os indivíduos percebem a si próprios a partir de três eixos temporais distintos e concomitantes. O primeiro deles, o cotidiano; o segundo, a sua vida como um todo – a memória e a expectativa de sua existência na relação com o tempo social compartilhado –; e o terceiro delimitado pela compreensão acerca de sua existência em determinada época, era ou geração. Esses três eixos temporais são assimilados e reassimilados constantemente como forma condicionante da determinação sobre a alocação individual de recursos temporais. Assim, para o autor, os indivíduos são condicionados a definir seu engajamento de forma exata e sequenciada, em uma dinâmica constante de sincronização.

A relação paradoxal entre movimento (aceleração) e inércia (enrijecimento) estabelece que o processo de aceleração característico da modernidade tardia não é linear e não trata apenas de um aumento escalar quantitativo. Longe disso, para Rosa (2019) a aceleração social estabelece um movimento com “saltos” qualitativos profundamente relacionados com a invenção e o emprego de

tecnologias. Tais “saltos” carregam, no seu interior, dimensões inertes que resistem a essas transformações.

As dimensões de inércia agem como “freios” ou “desaceleradores” em situações de aceleração intensa, reagindo à ideia, considerada pelo autor como insustentável, de que “*tudo*” na modernidade se tornou rápido. Rosa discute cinco categorias da inércia: *limites* naturais, geofísicos e biológicos, *ilhas da desaceleração*, *disfuncionalidades* (efeitos colaterais), *intencionalidades* (oposição ideológica) e *inerências* (enrijecimento cultural).

Na primeira categoria reconhecemos a noção de *limites*: “freios” naturais e antropológicos que tratam, sobretudo, da capacidade do ecossistema terrestre de processar as ações humanas (poluentes e rejeitos) e dos limites físicos e cognitivos do homem (quando as pessoas desenvolvem mecanismos de defesa ou ocasiões de desfalecimento psicológico – como depressão e síndrome de *burnout*). Outra categoria referenciada por Rosa (2019) é denominada *ilhas de desaceleração* que, por sua vez, dizem respeito àquelas formas sociais e culturais que resistem às tendências aceleratórias da modernidade. As comunidades norte-americanas denominadas como Amish são citadas pelo autor como exemplo para descrever a orientação de suas ações (baseadas em valores e padrões culturais peculiares) em relação à sociedade em que estão instaladas. Ainda que estas comunidades estejam suscetíveis de serem “atropeladas” por tendências (externas) aceleratórias, buscam resistir através de uma aura “atemporal” – o que lhes garante serem considerados uma ilha que freia tendências aceleratórias da modernidade tardia.

A terceira categoria, marcada por *disfuncionalidades*, sem dúvida pode ser percebida em exemplos como o dos congestionamentos de trânsito citados anteriormente: a locomoção em centros urbanos norte-americanos, usados para embasar a pesquisa de Rosa (2019), demonstram que a velocidade média dos automóveis vem diminuindo há anos em razão da intensificação do tráfego. O ritmo frenético da maquinaria industrial e a tendência cada vez maior de desemprego também são exemplos dessa categoria.

A quarta categoria, das *intencionalidades*, é exemplificada pelas formas explicitamente direcionadas à desaceleração. Nada mais são do que reações à dinâmica sociocultural da modernidade, esforços intencionais e movimentos justificados ideologicamente com um intuito de lentidão social. O autor cita, como exemplos, grupos ambientalistas ou iniciativas como *slow-food*⁴ ou *slow-*

⁴ Segundo a associação internacional sem fins lucrativos Slow Food Brasil, “[o] princípio básico do movimento é o direito ao prazer da alimentação, utilizando produtos artesanais de qualidade especial, produzidos de forma que respeite tanto o meio ambiente quanto as pessoas responsáveis pela produção, os produtores” (Movimento..., 2007).

-*science*,⁵ mas, além destes, também indica a proliferação de fanáticos religiosos. Outra manifestação de *intencionalidades* é percebida na noção de *desaceleração aceleratória*, quando movimentos de desaceleração são utilizados como estratégia de aceleração – exemplo encontrado no ambiente corporativo, que estimula atividades de relaxamento entre seus funcionários visando administrar um aumento de rendimento, ou na vida particular, quando retiros espirituais ou cursos de meditação são realizados com vistas a aumentar o desempenho dos relacionamentos e do cotidiano.

A última categoria da inércia, descrita como a mais paradoxal e intrínseca, é a categoria das *inerências*. Há, por parte do autor e da literatura acessada para a pesquisa, uma forte suspeita de que a rápida mudança que afeta a sociedade tardo-moderna na verdade é algo superficial, enquanto suas estruturas reais se tornaram cada vez mais sólidas e rígidas (*crystalização cultural*). A aparência fluida e transicional do cotidiano esconderia um processo estrutural de enrijecimento social.

A partir dessa síntese nos parece pertinente retomar a hipótese central do trabalho de Hartmut Rosa (2019), focada na ideia de que não é suficiente concebermos a modernização como um processo “multifacetado *no tempo*”, mas, mais do que isso, precisamos compreender que ela implica a transformação (estrutural e cultural) das estruturas e horizontes temporais. Essa compreensão sugere diretamente a construção subjetiva de autorrelações (que podem ser percebidas a partir de fenômenos de transformações identitárias e socioestruturais). O conceito de aceleração social é acionado como competente para abranger as direções dessas transformações.

Referências

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).
- HONNET, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MOVIMENTO Slow Food. In: SLOW Food Brasil. [S. l.: s. n.], 2007. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/o-movimento>. Acesso em: 14 set. 2020.
- ROSA, Hartmut. *Alienation and acceleration: towards a critical theory of late-modern temporality*. Aarhus: NSU Press, 2005.

⁵ O manifesto *Slow Science* teve seu lançamento na Alemanha em 2010. O documento afirma: “[precisamos] de tempo para pensar. Precisamos de tempo para digerir. Precisamos de tempo para nos desentendermos, especialmente ao promover o diálogo perdido entre humanidades e ciências naturais. Não podemos lhe dizer continuamente o que nossa ciência significa; para que servirá; porque simplesmente ainda não sabemos. A ciência precisa de tempo” (THE SLOW..., 2010, tradução nossa).

- ROSA, Hartmut. *Resonanz: Eine Soziologie der Weltbeziehung*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2016.
- ROSA, Hartmut. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. Entrevista concedida a João Lucas Facó Tziminadis. *Revista Estudos Sociológicos*, Araraquara, v. 22, n. 43, p. 365-383, 2017.
- ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- THE SLOW Science manifesto. Berlin: [s. n.], 2010. Disponível em: <http://slow-science.org/>. Acesso em: 14 set. 2020.

Recebido em: 10/04/2020

Aceito em: 14/09/2020

Como citar esta resenha:

- GUEDES, Eduardo Rosa e STORCH, Laura Strelow. O tempo na modernidade e a estabilização dinâmica das estruturas sociais. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 2, maio – agosto, 2020, pp. 825-833.